



O QUE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ARACAJU QUEREM OU NÃO SABER SOBRE SEXUALIDADE

WHAT ADOLESCENTS AT A MUNICIPAL SCHOOL IN ARACAJU WANT OR DO NOT WANT TO KNOW ABOUT SEXUALITY

Mônica Ismerim Barreto¹

¹Universidade Federal de Sergipe/monicaismerim@gmail.com

Resumo:

Esse trabalho teve como objetivo identificar o interesse de alunos de uma escola municipal da Aracaju/SE sobre temas ligados à sexualidade. Para tanto um questionário foi respondido por 50 adolescentes onde assinalaram o grau de interesse (muito; mais ou menos; pouco) em doze temas apresentados (abuso sexual, DST/AIDS, gravidez na adolescência, homossexualidade, masturbação, menstruação, métodos contraceptivos, namoro, prazer, relações de gênero, relações sexuais, sistemas reprodutores) ou indicassem que determinado tema não deveria ser tratado em sala de aula. Os resultados mostraram que os temas: 'sistemas reprodutores', 'gravidez na adolescência' e 'namoro' foram os indicados como mais interessantes pelos jovens. Porém, meninos e meninas apresentaram interesses diferentes: as moças priorizaram 'gravidez na adolescência' e 'sistemas reprodutores', já os rapazes indicaram 'relações sexuais' e 'namoro' como os mais interessantes. Essas diferenças provavelmente se devem à importância que socialmente é atribuída a cada tema para determinado sexo.

Palavras-chave: Educação sexual; Ensino de Ciências; Gênero.

Abstract

This study had the objective of identifying the level of interest that male and female students who attend the 8th grade at a municipal school in Aracaju/SE have concerning themes related to sexuality. For such, they were asked to point out their level of interest (great interest; medium interest; little interest) regarding twelve themes (sexual abuse, STD/AIDS, teen pregnancy, homosexuality, masturbation, menstruation, contraceptive methods, dating, pleasure, issues of gender, sexual relationships, reproductive system) or to indicate which theme or themes should not be addressed in the classroom. The results showed that the themes: 'reproductive systems', 'teen pregnancy', and 'dating' were considered to be the most interesting ones by the young students. However, boys and girls presented different interests: the girls gave priority to the themes 'teen pregnancy' and 'reproductive system', whereas the boys chose 'sexual relationship' and 'dating' as the most interesting topics. These differences probably exist due to the importance society gives to each theme depending on gender.

Keywords: Sex Education. ; Science Teaching; Gender.

INTRODUÇÃO

Embora a sexualidade seja um tema sempre presente no cotidiano, e nas diversas formas de atividade humana, ela não se constitui em um assunto tranquilo de ser abordado – especialmente no ambiente escolar. Isso porque envolve assuntos considerados de foro íntimo, que estão permeados por mitos e tabus dos mais diversos.

No ambiente escolar não é diferente. A discussão da sexualidade na escola suscita polêmicas. Isto porque os assuntos ligados à sexualidade estão repletos de interditos e castrações. Ao promover a discussão da sexualidade no ambiente escolar deve-se ter em mente que esse tema, por si só, envolve uma diversidade de crenças, visões, valores de todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Segundo Groppa Aquino (1997, p. 7) “no imaginário de pais, professores e alunos, a díade educação/sexualidade é, quase invariavelmente, um ingrediente exótico de uma receita, ao final, indigesta”.

De acordo com Castro; Abramovay e Silva (2004), a inserção da escola no campo da sexualidade, segundo alguns autores é algo complexo e que apresenta vários riscos, pois, segundo estes a escola é um dos principais instrumentos de disciplinamento e censura que observamos nos vários segmentos da sociedade.

Embora a sexualidade sempre tenha estado presente no ambiente escolar, a discussão desse tema no âmbito escolar não é visto de forma tranquila por todos.

Na escola existe um discurso sobre sexualidade, mesmo que de forma indireta e sem planejamento. Pode-se observar a presença de temas ligados à sexualidade nas conversas das moças e rapazes e nos olhares. Esse olhares não acontecem apenas entre os adolescentes, mas também de adultos zelosos pelos bons costumes. São olhares, censores e vigilantes não só aos namoros, mas também na forma de vestir e comportar.

Vigia-se na escola, se os estudantes desempenham corretamente os papéis ligados ao seu sexo biológico. As expectativas sobre o sucesso de meninos e meninas em determinadas disciplinas também tem um conteúdo sexista. Também a roupa, os modos de se sentar ou falar eram vistos como pertencentes a um ou outro sexo. (BRASIL, 1998)

Essa normatização do que era pertencente a um ou outro sexo, do permitido ou não, dos valores e crenças que eram e ainda são transmitidos de geração a geração vai se constituir na educação sexual. Segundo Maria José Werebe (1998), a Educação Sexual “compreende todas as ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade.” (p.139).

Para essa autora, a Educação Sexual Informal é aquela que ocorre de forma não intencional, portanto sempre existiu. Afinal todos os povos possuem regras de conduta sexual. É na família que se efetiva a maior parte desse tipo de educação. (WEREBE, 1998)

Assim, mesmo antes de entrar na escola, a criança já carrega consigo diversos valores que lhe foram passados pelos seus familiares e por aqueles que estão próximos a ela. Mas mesmo na escola existe uma educação sexual informal. A forma como esta trata meninos e meninas, a separação ou não destes nos ambientes escolares, indica como a instituição encara a sexualidade.

A repressão e/ou omissão da escola nos aspectos ligados aos temas relacionados com a sexualidade e os conteúdos das disciplinas (que estão repletos de mensagens, valores e normas ligados à vivência da sexualidade) são outros agentes da Educação Sexual Informal. Também os professores transmitem valores, crenças e idéias que têm sobre a sexualidade. Isso pode ocorrer de forma consciente ou não, através da maneira de vestir, de agir, e pela forma que tratam os alunos e alunas.

Werebe (1998) indica ainda outra forma de educação sexual que pode ser realizada na escola: a Educação Sexual Intencional, que compreende: “as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual” (p. 155)

Alguns autores, ao se referirem à educação sexual que é realizada de forma intencional no âmbito escolar, utilizam a terminologia “Orientação Sexual” como forma de diferenciar essa prática educativa da que ocorre de forma não intencional (informal). Porém, neste trabalho, vamos adotar a expressão “Educação Sexual” para designar a prática educativa intencional que é realizada no espaço escolar, pois entendemos, assim como Werebe (1998) e Figueiró (2006), que este termo é o que melhor se aplica a esse tipo de trabalho. Os motivos que fundamentam essa escolha são dois: o primeiro é para promover a distinção entre o termo “Orientação Sexual” que é utilizado para designar orientação do desejo (que pode ser homossexual, bissexual ou heterossexual). A utilização dessa nomenclatura que tem conotações diferentes pode gerar dificuldades de compreensão, e acreditamos ser necessário maior clareza nos conceitos utilizados. O segundo motivo é por acreditar, como nos diz Figueiró (2006, p.48), que

a expressão ‘educação sexual’ é mais apropriada porque é coerente com a concepção do método de educação, no qual o educando participa do processo de ensino e aprendizagem como sujeito ativo e não como mero receptor de conhecimentos, informações e/ou orientações.

É esse tipo de educação, em que o aluno se faz sujeito da aprendizagem, e na qual ele é levado a construir seus próprios valores e crenças, de forma livre, que estamos nos referindo quando falamos de Educação Sexual. Afinal, a educação deve propiciar a autonomia do educando, para que ele possa aprender a tomar decisões sobre sua vida. A construção dessa autonomia exige que se faça uma educação em que o aluno possa falar livremente sobre o assunto, para assim refletir e consolidar posições próprias, fundamentadas não em um posicionamento externo, mutável, mas em seus próprios valores e crenças. (FERNÁNDEZ, 1994)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas transversais (BRASIL, 1998), a maneira como a educação sexual é realizada na escola geralmente não contempla os anseios e as curiosidades das crianças e adolescentes. Isto sucede porque o enfoque é centralizado, na maioria das vezes, apenas no corpo biológico, não incluindo, portanto, os outros aspectos da sexualidade.

Esse documento sugere que a educação sexual deve ser tratada em três vertentes: *o corpo*, como matriz da sexualidade, *as relações de gênero*, e a *prevenção de doenças sexualmente transmissíveis /AIDS*. Dessa forma, podemos observar que das três vertentes sugeridas para trabalhar sexualidade em sala de aula, duas (o corpo e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis /AIDS) tem estrita ligação com aspectos biológicos. Embora esse documento indique a sexualidade como fonte de prazer, apresenta também um constante reforço na prevenção de uma gravidez ‘indesejada’ e nas doenças sexualmente transmissíveis. (BRASIL, 1998)

Para iniciar um trabalho de educação sexual, Sayão (1997) sugere que se deve pautar o mesmo pelos questionamentos e dúvidas trazidos pelos alunos. Investigar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema é importante como forma de diagnosticar o que eles sabem e como concebem a sexualidade, mesmo que os mesmos não possuam informações objetivas sobre o tema.

Para Ribeiro (1993), antes de iniciar um trabalho de educação sexual é importante que se conheça as reais necessidades e expectativas do grupo com quem se pretende desenvolver as atividades.

Rodrigues Júnior (1993) indica que

o jovem raramente busca informações sobre contracepção, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez ou aspectos reprodutivos da fisiologia humana. O adolescente quer saber sobre o comportamento sexual: o coito em si, a masturbação, os atos e práticas que conduzem à relação sexual (p.103)

Segundo Werebe (1998) as diferentes práticas sexuais, as relações sexuais orais e anais, a contracepção, o aborto, a homossexualidade e a masturbação são alguns dos temas que interessam aos jovens.

Meninos e meninas podem expressar de forma diferente a curiosidade sobre aspectos ligados à sexualidade. Para os meninos, discutir abertamente a sexualidade, ter uma relação promíscua é bem vista. Já as meninas procuram não agir de forma a explicitar seus desejos. De acordo com Youdell (2005 apud PAECHTER, 2009 p. 161)

não se espera que as meninas falem sobre sexo. [...] o silêncio pode ser crucial para a reputação da adolescente. [...] Uma menina não deveria discutir sua atividade sexual com ninguém, nem mesmo com amigas. [...] Na constituição das feminidades heterossexuais das meninas, a atividade sexual só está protegida da interpelação performativa contaminada se estas não conversarem sobre sexo. Ou seja, o desejo feminino deve ser silenciado.

As diferenças de cobrança dos comportamentos para meninas e meninos não difere apenas nesse ponto. Quando o assunto é homossexualidade, meninos são bem mais agressivos que meninas (CASTRO;ABRAMOVAY; SILVA, 2004)

Paechter (2009) relata que em um estudo realizado por Kehily, os meninos acreditavam que “até mesmo falar sobre relações homossexuais fosse potencialmente castrador”. (PAECHTER, 2009 p. 159). Segundo essa autora, o medo de ser reconhecido como homossexual, e das agressões homofóbicas fazem com que esses jovens rejeitem qualquer tipo de amizade com homossexuais.

Na pesquisa “Juventudes e Sexualidades”, organizada por Castro, Abramovay e Silva (2004) uma das questões solicitou que adolescentes indicassem, de uma relação proposta pela pesquisa, as cinco formas mais graves de violência. Entre as meninas o item *Bater em homossexuais* foi classificada como a terceira violência mais grave, abaixo de *Atirar em alguém* e *Estuprar*. Para os rapazes esse item ocupa a sexta posição, depois de *Atirar em alguém*, *Estuprar*, *Usar drogas*, *Roubar* e *Andar armado*. As autoras ressaltam o fato de as meninas serem mais sensíveis a esse tipo de violência que os meninos. Segundo elas, entre alunos jovens, a discriminação contra homossexuais não só é assumida mais livremente, como também valorizada entre eles, o que sugere um “padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro, que não deve ser confundido consigo”. (p. 280)

Considerando a necessidade de conhecer os temas ligados à sexualidade que maior interesse têm para os alunos antes de iniciar um trabalho de educação sexual, faz-se necessário realizar uma investigação que aponte os temas mais instigantes para os jovens, bem como aqueles que são considerados por eles como intocáveis, que não devem ser mencionados em sala de aula.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo identificar os temas ligados à sexualidade que suscitam maior/ menor ou nenhum interesse de alunos e alunas do 8º ano do ensino fundamental, onde o conteúdo 'Reprodução Humana' é tradicionalmente ministrado.

METODOLOGIA

Considerando que a pesquisa pretende investigar a opinião dos alunos e alunas sobre quais temas ligados à sexualidade que seriam mais interessantes, e que a exposição de determinada preferência por tais temas poderia gerar constrangimentos aos pesquisados, optamos pelo questionário anônimo como instrumento de coleta de dados. De acordo com Gil (2007) o questionário tem por objetivo “o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas”. (p. 128)

O constrangimento em assinalar a preferência por determinado tema pode ser minimizado pelo anonimato propiciado pelo questionário, pois conforme indica Richardson (1999 p. 205) “no caso do questionário anônimo (que não inclui o nome do entrevistado) as pessoas podem sentir-se com maior liberdade para expressar suas opiniões.” Como forma de garantir o anonimato os questionários receberam uma numeração, que será utilizada na análise destes.

Para atender ao objetivo central desse trabalho, foram elencados doze temas: abuso sexual, DST/AIDS, gravidez na adolescência, homossexualidade, masturbação, menstruação, métodos contraceptivos, namoro, prazer, relações de gênero, relações sexuais e sistemas reprodutores, para os quais os alunos deveriam assinalar o grau de interesse em cada um, sendo quatro as respostas possíveis: Muito, Mais ou menos, Pouco ou Não deve ser abordado em sala.

Os questionários foram aplicados a 23 alunos e 27 alunas do 8º ano do ensino fundamental, que apresentavam idades entre 13-15 anos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Jaime Araújo, localizada no bairro Soledade, em Aracaju, Sergipe.

A fim de obter um índice que indicasse os temas de maior interesse para os alunos foi construída uma escala de graduação onde foram atribuídos pesos diferenciados para as respostas: Muito – peso 4; Mais ou menos – peso 3; Pouco – peso 2. A indicação que determinado tema não deveria ser abordado em sala foi tratado separadamente, observando a quantidade de indicações recebidas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos (Tabela 1) mostram os temas considerados mais interessantes pelos alunos, que foram, respectivamente: sistemas reprodutores, gravidez na adolescência, namoro, DST/AIDS, e relações sexuais.

Tabela 1 – Resultado da escala de graduação de interesse por turma e sexo

	Turma A		Turma B		Turma C		TOTAL
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	
Sistemas reprodutores	29	37	36	30	23	12	167
Gravidez na adolescência	36	28	31	25	27	17	164
Namoro	34	37	25	27	21	17	161
DST/AIDS	30	36	33	19	24	15	157
Relações sexuais	32	38	23	28	19	16	156
Abuso sexual	34	29	25	25	27	11	151
Prazer	31	37	20	21	22	17	148
Menstruação	30	27	28	14	25	16	140
Relações de gênero	25	29	32	16	20	16	138
Métodos contraceptivos	33	32	29	15	19	10	138
Masturbação	25	31	22	20	18	15	131
Homossexualidade	33	24	20	17	18	12	124

Dentre os cinco temas que apresentam maior interesse para os adolescentes, três – ‘sistemas reprodutores’, ‘gravidez na adolescência’, ‘DST/AIDS’ - apresentam ligação com o aspecto biológico, o que corrobora a proposta do PCN – temas transversais, para quem deve se abordar o corpo e as doenças sexualmente transmissíveis. Tais resultados estão em desacordo com o assinalado por Rodrigues Júnior (1993) para quem os jovens não demonstram interesse por temas como gravidez, doenças sexualmente transmissíveis ou fisiologia da reprodução. O tema ‘relações sexuais’, apontado por esse autor como um dos que mais interesse suscitam nos adolescentes foi citado apenas na 5ª colocação, o que mostra interesse dos alunos por este, mas não como o principal foco de sua atenção.

Os temas ‘masturbação’ e ‘homossexualidade’ foram os menos citados pelos alunos. Esse fato se repetiu na indicação de temas que não deveriam ser abordados em sala de aula, onde esses dois temas foram os mais apontados (Tabela 2).

Tabela 2 - Número de alunos(as) que indicaram que determinado tema não deveria ser abordado em sala de aula

	Meninas	Meninos	TOTAL
Homossexualidade	4	10	14
Masturbação	7	4	11
Métodos contraceptivos	4	7	11
Abuso sexual	4	6	10
Relações de Gênero	2	6	8
Menstruação	1	6	7
Relações sexuais	5	2	7
Prazer	4	2	6
Gravidez na adolescência	1	3	4
DST/AIDS	0	3	3
Sistemas reprodutores	1	1	2
Namoro	1	1	2

Chama atenção o fato que o tema ‘métodos contraceptivos’ além de ser pouco citado é um dos que recebeu maior indicação de não abordagem em sala. Não é de interesse desses adolescentes a informação sobre métodos que evitem uma gravidez, embora o tema ‘gravidez na adolescência’ seja o segundo mais citado como interessante.

Porém existem diferenças entre as indicações desses temas quando entre meninos e meninas. A homossexualidade é um tema que recebe mais indicações de não abordagem por parte dos meninos, enquanto a masturbação é rejeitada pelas meninas.

Considerando com indica Rodrigues Júnior (1993), que a masturbação é reprimida nas meninas e estimulada nos meninos, a rejeição observada para esse tema entre as alunas provavelmente se deve a essa proibição. Como entre os meninos, a masturbação é estimulada, não apresenta esse grau de rejeição.

Paechter (2009), citando Youdell (2005), assinala a necessidade que a menina fique em silêncio quando o assunto é sexo, para manter a reputação e não ser vista como ‘vadia’, como menina que tem muita experiência sexual. Dessa forma, as meninas pesquisadas poderiam não se sentir à vontade para assinalar essa alternativa, mesmo sabendo que não estavam sendo identificadas. Para elas, tal exposição do desejo poderia não nem mesmo ser cogitada. O desejo seria algo que deve ser mantido oculto, não para que sua reputação continue intacta.

Quando o tema é homossexualidade, identificamos a maior rejeição por parte dos alunos que pelas alunas, fato esse observado por Castro, Abramovay e Silva (2004). Para essas autoras, a rejeição ocorre pelo fato dos adolescentes procurarem afirmar sua heterossexualidade negando a homossexualidade, procurando o distanciamento de um comportamento não aprovado pelos seus colegas. Paechter (2009), assinala que a rejeição por parte dos meninos ao tema homossexualidade, vem da idéia que a simples menção ao tema seria “castrador”.

Essa autora relata que em um estudo realizado por Kehily, os meninos acreditavam que “até mesmo falar sobre relações homossexuais fosse potencialmente castrador”. (PAECHTER, 2009 p. 159). Segundo essa autora, o medo de ser reconhecido como homossexual, e das agressões homofóbicas fazem com que esses jovens rejeitem qualquer tipo de amizade com homossexuais.

Procurando compreender melhor essa divergência, observamos os dados de meninos e meninas em separado (Tabela 3).

Tabela 3 – Resultado da escala de interesse por tema e sexo

	MENINAS	TOTAL		MENINOS	TOTAL
1°	Gravidez na adolescência	94	1°	Relações sexuais	82
2°	Sistemas reprodutores	88	2°	Namoro	81
3°	DST/AIDS	87	3°	Sistemas reprodutores	79
4°	Abuso sexual	86	4°	Prazer	75
5°	Menstruação	83	5°	DST/AIDS	70
6°	Métodos contraceptivos	81	6°	Gravidez na adolescência	70
7°	Namoro	80	7°	Masturbação	66
8°	Relações sexuais	74	8°	Abuso sexual	64
9°	Homossexualidade	71	9°	Relações de Gênero	61
10°	Masturbação	65	10°	Menstruação	57
11°	Relações de Gênero	59	11°	Métodos contraceptivos	57
12°	Prazer	55	12°	Homossexualidade	53

O tema ‘gravidez na adolescência’ é citado como o mais interessante para as meninas, fato esse que não ocorre com os meninos. Essas alunas colocam ‘métodos contraceptivos’ em 5° lugar, atrás dos temas sistemas reprodutores, DST/AIDS, abuso sexual e menstruação. Considerando que na pesquisa “Jovens de Sergipe”, Charlot (2006) identificou que apenas ¼ das adolescentes de 15 anos indicaram já ter iniciado a vida sexual e que essa é a idade limite das alunas das turmas pesquisadas, acreditamos que a maioria das adolescentes ainda não iniciou a vida sexual. Vitiello (1993) assinala ainda que as adolescentes apresentam o ‘pensamento mágico’, ou seja acreditam que “isso não vai acontecer comigo” (p.143).

Tal fato poderia explicar por que o tema ‘métodos contraceptivos’ ainda não faz parte do interesse das mesmas. Também corrobora para isso o fato da gravidez ser mais visível entre as meninas, que observam as colegas engravidarem e muitas vezes abandonarem os estudos. Porém as mesmas não associam ainda a necessidade de conhecimento de métodos contraceptivos com a gravidez. Outro fato que pode explicar o pouco interesse pelos métodos seria a dificuldade em obter os mesmos, visto que o posto de saúde da comunidade é um local aberto, onde todos podem ver aqueles que entram, e muito provavelmente os pais não sabem que suas filhas tem vida sexual ativa. Vitiello (1993) assinala que o uso clandestino dos métodos contraceptivos pelas adolescentes, ou seja o medo que estes sejam descobertos entre seus pertences e denunciem a vida sexual ativa, faz com que estas considerem estes métodos um risco.

Os meninos não demonstram tanto interesse com o tema 'gravidez na adolescência' como as meninas. Para estes o tema ocupa a 6ª posição da escala de interesses, fato esse que se deve provavelmente à idéia que a gravidez é um tema que deve preocupar a mulher, pois como indicam Castro, Abramovay e Silva (2004 p.148) “a ênfase é sobre as meninas – essas é que devem ser ensinadas, o que sugere a reprodução de numa ideologia pela qual cabe somente às mulheres a responsabilidade para com a relação entre sexualidade e fecundação.”

Para os meninos os temas 'relações sexuais' e 'namoro' são os mais interessantes, o que corrobora a indicação de Rodrigues Júnior (1993), que aponta serem estes os temas que mais interessam aos jovens. As meninas não demonstram tanto interesse pelo tema, deixando os mesmos na 8ª e 7ª posições da escala. Essa aparente falta de interesse das meninas pelas relações sexuais pode advir da idéia que elas não devem demonstrar muito interesse pelo sexo, que o desejo feminino é menos intenso que o masculino, fato esse que se constitui em um mito, conforma assinala Furlani (2003).

Segundo dados obtidos por Heilborn et al (2006) em pesquisa realizada com jovens, que as mulheres que iniciaram a vida sexual até os 15 anos apresentavam atitudes “caracterizadas pela espera e passividade: elas ‘não pensavam muito nesse assunto’ (52% das respostas)” (p.183). Já os homens entrevistados nessa pesquisa, declararam que “queriam que esta primeira relação acontecesse logo” (p.183). Para Heilborn et al esta diferença de atitudes se deve a uma interiorização dos papéis esperados para homens e mulheres. Os homens devem se portar de forma ativa, e as mulheres de forma mais passiva. Pode-se inferir, assim que as alunas responderam na pesquisa o que é esperado delas, que não demonstrem interesse pela relação sexual.

Para meninos, o tema 'namoro' é considerado mais interessante que para meninas. Provavelmente essa diferença ocorra pelo fato de ser cobrado do menino que saiba namorar, ou seja, que conheça as técnicas de aproximação, de abraçar e beijar, conforme indica Rodrigues Júnior (1993). Esse autor indica que para as meninas não existe tal pressão, elas esperam que o menino tenha o conhecimento necessário. Assim, existe uma pressão diferenciada para meninos e meninas quanto ao tema 'namoro', o que provavelmente explicaria a diferença de interesses sobre o assunto entre os sexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com educação sexual intencional deve ser realizado a partir de interesses dos alunos. Esses interesses devem ser pesquisados para melhor atender aos adolescentes. Partindo desses interesses podem ser inseridos outros temas que surjam durante a discussão.

Observamos que os interesses variam entre meninos e meninas. Não existe um único modelo que possa atender a todas as expectativas. Porém devemos lembrar que todos os temas da sexualidade, mesmo aqueles que foram rejeitados, devem ser abordados em sala de aula, pois fazem parte da formação que a escola deve fornecer aos estudantes.

Estas variações de interesses entre os sexos provavelmente se deve ao que é esperado socialmente de meninos e meninas no campo da sexualidade. Meninos fortes, ativos, que tomam decisões e sabem como agir no campo da sexualidade e meninas

delicadas, passivas que esperam que os meninos saibam o que e como fazer, são estereótipos criados pela sociedade dos dois sexos. Ainda existem, no imaginário dos alunos, fronteiras bem demarcadas entre os papéis esperados para cada sexo.

Os papéis ditados pela sociedade como característicos do masculino e feminino, ainda se encontram presentes na mente dos alunos. Essa divisão de papéis sexuais, imposta pela sociedade como ‘normalidade’ de comportamento para homens e mulheres funciona como uma ‘camisa de força’, impedindo a plena realização da vivência sexual dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Jovens de Sergipe: quem são eles, como vivem, o que pensam**. Aracaju: UNESCO, 2006.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GROPPA AQUINO, Júlio. Apresentação. In: _____. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p.7-21.

HEILBORN, Maria Luiza. et al . **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz, 2006.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades**. Porto Alegre: Artmed. 2009.

RIBEIRO, Marcos. (org). Educação sexual nas turmas de segundo grau. In: _____. **Educação sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.185-190.

RODRIGUES JÚNIOR, Oswaldo. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (org). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.101-111.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997a, p.107-117.

VITIELLO, Nélon. Gravidez na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos. (org). **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.185-190.

WEREBE, Maria José. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.